

**Claudete Beise Ulrich
Edineia Koeler
Erineu Foerste**

UMA PROFESSORA POMERANA: *Waiand's Huus* e desafios para a educação popular

RESUMO

O artigo discute questões da cultura do Povo Tradicional Pomerano (Decreto 6.040/2007), partindo de uma problemática básica: Como a *Waiand's Huus*, articulada à atuação de uma professora pomerana, constitui-se enquanto desafio coletivo para a Educação Popular? A metodologia trabalhou abordagens qualitativas (FLICK, 2011; FICHTNER *et al*, 2013). Debates sobre memória (BOSI, 1994), comunidade (BUBER, 1987), Educação Popular (FREIRE, 2008 e 2013) contribuíram para uma breve contextualização do objeto de estudo, pela qual se destacam processos de criação de uma casa alternativa de memória pomerana na comunidade de Alto Santa Maria: a *Waiand's Huus*. Próximo de 100% da população da região fala o pomerano como língua materna. Pode-se afirmar que a constituição teórico-prática da vida de uma professora pomerana, na relação com sua comunidade, impulsiona debates sobre culturas e saberes do Povo Tradicional Pomerano, com fortalecimento de lutas coletivas por direitos sociais. A dialética professora-comunidade-casa de memória alternativa, portanto, favorece processos educativos que fundamentam não somente problematização da escola tradicional, mas também estimulam valorização dos saberes e culturas invisibilizados no currículo oficial.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura pomerana; casa de memória; educação popular.

ABSTRACT

The article discusses issues about the Traditional Pomeranian People (Decree 6.040/2007), from a basic problem: How is Waiand's Huss, articulated to the performance of a pomeranian teacher constitutes whilst a collective challenge for popular education? Method has and qualitative approach (FLICK: 2011; FICHTNER et al.: 2013). Debates on memory (BOSI, 1994), community (BUBER, 1987), Popular Education (FREIRE, 2008 and 2013) has contributed for a brief context of the object of study, by wich stand out the creation of an alternative house of pomeranian memory on Alto Santa Maria community: the Waiand's Huss. Nearby 100% of the population of the region speaks pomeranian as first language. It can be stated that the theoretical-practical constitution life of a pomeranian teacher, in relation with their community promotes the debate on culture and knowledge of the Traditional Pomeranian People, with strengthening of collective struggles for social rights. The dialetic teacher-community-house of alternative memory, therefore, favors educational processes that not only support the traditional school problem, but also stimulates appreciation of the knowlege and cultures that are invisible to the official curriculum.

KEYWORDS: pomeranian culture; house of memory; popular education.

APRESENTAÇÃO

Locais especializados para o ensino, onde especialistas em ensinar fariam o seu trabalho, é uma criação muito tardia do homem. Durante quase toda a história social da humanidade a *prática pedagógica* existiu sempre, mas imersa em outras práticas sociais anteriores. Imersa no trabalho: durante as atividades de caça, pesca e coleta, depois, de agricultura e pastoreio, de artesanato e construção. Ali os mais velhos *fazem e ensinam e os mais moços observam, repetem e aprendem.*"

Carlos Rodrigues Brandão (1986, p. 19).

A história do Povo Tradicional Pomerano (Decreto 6.040/2007)¹ remete-nos aos meados do século XX, quando muitas famílias partiram novamente para a diáspora de seu território Pommerland, que se situa ao norte da Europa entre a Alemanha e a Polônia; países, que desde o término da Segunda Guerra Mundial, dividem-no entre si. Todavia, antes disso, no período que abarca o período de 1859 a 1870, segundo Tressmann (2005) e Thum (2009), só no Porto de Vitória, no Estado do Espírito Santo na Região Sudeste do Brasil, desembarcaram cerca de 4 mil imigrantes alemães, conforme registros do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo². Os de fala pomerana representavam mais da metade deles. Eram provenientes, na sua maioria da *Hinterpommern*.

Do litoral seguiram pelo Rio Santa Maria até o Porto do Cachoeiro, atual município de Santa Leopoldina. Com o tempo alcançaram as margens do Rio Doce e mais tarde o Noroeste e Norte do Espírito Santo – ES, onde ajudaram a fundar comunidades como Lajinha do Pancas (no município de Pancas), Córrego da Peneira, Córrego do Mutum e Praça Rica (no município de Vila Pavão). Muitos pomeranos capixabas³ migraram também para Minas Gerais, Paraná e Rondônia. Segundo Jacob (2012), há 300 mil pomeranos no Brasil nos dias atuais, sendo no ES cerca de 150 mil.

A Língua Pomerana é o maior patrimônio cultural do Povo Tradicional Pomerano (FOERSTE, 2016b). Fala-se pomerano em casa, nas lavouras, em celebrações religiosas, enfim, em espaços públicos e privados em geral (TRESSMANN, 2005; THUM, 2009). Em consequência às políticas linguísticas que reforçam o monolinguismo pombalino⁴, as escolas não incluíam valorização da língua materna das crianças pomeranas (MIAN,

¹ Conforme discute Foerste (2016a e 2016b), a criação da Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais fortalece lutas coletivas não só do Povo Tradicional Pomerano, mas deste articulado aos Quilombolas, Indígenas, Ribeirinhos, Quebradeiras de coco babaçu etc., por direitos sociais. As organizações de base contribuem para construir frentes articuladas de lutas, para garantir territórios, com valorização de culturas e saberes, a partir dos quais os pomeranos produzem suas existências materiais e simbólicas ali onde sempre viveram em seus territórios, com um modo próprio de vida, com reprodução da Língua Pomerana que herdaram de seus ancestrais da Pommerland.

² Ainda no século XVII, Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal). combateu a diversidade de línguas, cujos impactos se fazem sentir ainda hoje no Brasil, como por exemplo, nas comunidades pomeranas. Publicou em 17 de agosto de 1758 a Lei “Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e do Maranhão enquanto sua majestade não mandar o contrário”. Consultar: Almeida (1997) e Garcia (2007).

³ A palavra “capixaba” significa etimologicamente plantação de milho, cuja prática provinha da tradição do Povo Tupinambá, que vivia na Ilha de Vitória antes da invasão portuguesa sangrenta deste território. Com o passar do tempo assumiu o significado de morador do Estado do Espírito Santo.

⁴ Consultar: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Imigrantes:** estatísticas. Disponível em: <<http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/estatisticas.html>> Acesso em 21 mar. 2018.

1993; WEBER, 1998; SILLER, 1999; RAMLOW; 2004; HARTUWIG, 2011; CASTELLUBER, 2014; BREMENKAMP, 2014; DETTMANN, 2014; KUSTER, 2015; KOELER, 2016). Aos poucos as culturas e saberes dos pomeranos conquistam espaços na agenda de pesquisas das Universidades.

Partindo desta breve contextualização, este artigo objetiva analisar aspectos das culturas e saberes pomeranos da comunidade de Alto Santa Maria no município de Santa Maria de Jetibá no Estado do Espírito Santo em diálogo com as memórias de uma professora pomerana. A problemática investigada focaliza como a *Waiand's Huus*, articulada à atuação de uma professora pomerana, constitui-se enquanto desafio coletivo para a Educação Popular. Os processos de pesquisa partiram de pressupostos qualitativos com base em abordagens sócio-históricas (FLICK, 2011; FICHTNER *et al*, 2013), com observação participante e realização de entrevistas semiestruturadas.

O texto está organizado em três partes. Na apresentação é feita uma breve contextualização do tema e problemática. A primeira seção narra a trajetória de Marineuza Plaster Waiandt, que se tornou professora aos 15 anos de idade, e construiu junto com sua comunidade os meios de fazer educação escolar em um contexto com forte inclinação para a educação popular. Na segunda seção discute-se como essa professora, após encerrar formalmente sua atividade docente, inicia um projeto de educação para a comunidade, mesclando memória, cultura, cheiros, sabores e educação. O terceiro ponto discute a contribuição da *Waiand's Huus*, projeto da professora Marineuza, na manutenção e preservação do meio ambiente. As considerações finais trazem resultados de nossas análises sobre como o papel da professora pomerana vai além da sala de aula, adentrando o âmbito da formação integral do ser humano.

UMA PROFESSORA POMERANA: sua Huus e comunidade

Marineuza Plaster Waiandt se tornou professora aos quinze anos. De origem pomerana, povo que emigrou do norte europeu no século XIX, e que preserva no Brasil traços característicos de sua cultura, entre os quais, a afeição ao trabalho com a terra, a língua materna pomerana, músicas, danças, comidas, enfim, elementos que caracterizam o ser pomerano/a no Brasil. Entre as lutas empreendidas por esse povo em solo brasileiro está o direito à educação. A história de Marineuza professora é a história de tantas outras “Marineuzas” que fizeram da escola a sua vida. E que mesmo após encerrarem a carreira profissional não encerraram a vida docente. Marineuza fez de sua própria casa __ *Waiand's Huus* __ a extensão da

escola. Transformou-a em um memorial que guarda a história, a cultura, os cheiros e os sabores do povo pomerano.

O presente texto reflete como a *Waiand's Huus*, a partir da atuação da professora pomerana, contribui para a educação popular. Antes, porém é necessário visitar a memória dessa professora e buscar compreender o que a levou a abrir espontaneamente a própria casa a serviço da educação popular. A razão pela qual Marineuza empreendeu-se nessa lida data do ano de 1979:

Por meio de um movimento comunitário que exigia escola para os filhos, com apenas 15 anos de idade, fui nomeada professora e em 19 de março daquele ano [1979], comecei minha trajetória de educadora. Tinha o mesmo tamanho e quase a mesma idade dos meus alunos e juntos, descobrimos a maravilha de compartilhar conhecimentos. Passei três anos nessa situação, ensinando o que sabia apenas pela intuição (Entrevista com Marineuza Plaster Waiandt em maio de 2016).

A narrativa da trajetória de vida, de escolarização e formação docente da professora Marineuza Plaster Waiandt mostra que a educação, popular ou não, é um desafio de longa data. Como a única escola, que havia sido arduamente conquistada pela comunidade de Alto Santa Maria-Santa Maria de Jetibá- ES, foi compulsoriamente fechada, sem que o Estado oferecesse qualquer outra opção, e diante de frustrantes tentativas de diálogo com o poder público, a comunidade tomou uma atitude no mínimo inusitada: A Professora Marineuza relata que certo dia o prefeito da cidade estava em Alto Santa Maria, e dirigia seu próprio carro. Mas foi surpreendido por uma forte chuva que fez seu carro atolar na lama, pois a estrada, ainda hoje é desprovida de pavimentação. O prefeito precisou recorrer aos moradores, para pedir ajuda. Já era noite, e os moradores viram na situação uma oportunidade: Só ajudariam a desatolar o carro se, em troca, o prefeito garantisse a reabertura da escola. Sem saída, ele concordou, desafiando a própria comunidade a encontrar entre eles, alguém instruído, apto a assumir as aulas.

Marineuza, à época com apenas 15 anos de idade, foi a alternativa de educação escolar eleita pela comunidade. Embora de ordem prática, os pais insatisfeitos pela omissão do estado, mostram a sua força reivindicatória dando vida à comunidade (BUBER, 1987, p. 34), fazendo surgir um movimento que uniu indivíduos e os impulsionou a lutarem pela manutenção de uma vida comunitária preexistente, fortalecida pela educação para essa comunidade (BUBER, 2013, p. 90).

A então, forte e determinada comunidade de Alto Santa Maria, exigia uma professora disposta a se doar em prol da causa. O depoimento

da professora Marineuza transcrito acima mostra que ela, apesar da pouca idade, compreendeu os anseios da comunidade. Engajou-se na luta junto com os pais e foi se constituindo professora. E esse modo de se fazer professora remete a Paulo Freire para o qual o professor não trabalha para os alunos, mas com os alunos. De forma que ao agir assim pratica e aprende a partilha. A professora torna-se, deste modo, um sujeito que procura com os alunos, e com a comunidade uma relação horizontal baseada no diálogo. Agindo com esse princípio não aplica simplesmente uma técnica aprendida, mas assume uma atitude diante da educação (MOURA, 1978, p. 61).

A professora Marineuza percebeu muito jovem que a educação não deve ser um percurso solitário. O caminho trilhado pela professora pomerana lhe exigia algumas habilidades: flexibilidade, criatividade, força de vontade para superar a pouca formação, entre outras. Buscou, então, na comunidade, que lhe confiou o projeto de educação escolar, o apoio que precisava para enfrentar os desafios que a profissão exigia. Em decorrência de sua pouca idade construiu, com os alunos, uma relação horizontal de forma involuntária. Pois, mesmo sabendo de sua posição de professora, nos momentos do intervalo brincava com os alunos de igual para a igual. Na sala de aula assumia uma postura, que sugere o equilíbrio entre a amizade que nutria pelos alunos e a docência dialogada.

Na sua relação com a comunidade era preciso demonstrar ser merecedora do voto de confiança, e corresponder às expectativas de quem lhe confiou a importante missão de alfabetizar e oferecer instrução primária. Por isso, apresentava uma postura firme, participando ativamente da igreja, do Ensino Confirmatório, das reuniões de associações, entre outras.

Ao buscar na intuição, como menciona em sua narrativa, o modo de se construir professora na escola e na comunidade, a professora pomerana revela que traz consigo a essência e a consciência da professora freireana. Isto é, a capacidade de “agir e refletir” sua realidade (FREIRE, 2008).

Como educador preciso de ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra" (FREIRE, 2013, p. 81).

A Professora pomerana fez essa leitura, e agiu a partir dela introduzindo a realidade dos alunos em sala de aula: De acordo com a ex-aluna Ingridy, a professora não desanimava diante da ausência do material convencionalmente utilizado. Substituíam facilmente tintas industrializadas por outras produzidas a partir de beterrabas, cebolas coloridas, até mesmo terra era usada para fazer tintas. Para “produzir cartazes, quando não tinha cartolina ou papel *kraft* Marineuza usava aqueles sacos de ração, a parte de dentro que não tinha nada escrito. Brinquedos de madeira, como ‘belisca’ ela pedia nas serrarias, eles adoravam ajudar a escola” (Entrevista com Ingridy em maio de 2016).

Figura 1: Foto de data indefinida. Uma das primeiras turmas da professora Marineuza.



Fonte: Arquivo da professora.

Marineuza, portanto, transpõe para a sua prática o que Freire (2008) chama de consciência da realidade vivida pelos educandos, do seu "aqui", do seu "agora". Buber (1987), por sua vez chama de “aqui e agora” o exercício de educação que consiste na preparação para o sentido de comunidade introduzido a partir da infância. Ou seja, a Professora Marineuza, ao valorizar a realidade social dos alunos, sua língua materna, sua cultura, levando esses elementos para a sala de aula, e mais ainda, transpondo os limites da sala expressando publicamente o modo de fazer educação, a partir do conhecimento prévio dos alunos, está praticando o preceito principal de Paulo Freire que a ação-reflexão.

É também uma possibilidade de continuidade da comunidade enquanto Comunidade Tradicional. Pois de acordo com Buber (1987), na prática, a comunidade necessita de um professor crítico, que labore em

favor de diálogos com as culturas e saberes vivos da comunidade produzindo uma pedagogia comprometida e responsável diante dos dilemas sociais. A professora Marineuza não se curvou diante do “anarriê” das festas juninas, descontextualizado em comunidades pomeranas, geralmente de confissão luterana, mas também não o negou. Introduziu a dança de um *sapateiro enamorado*, (cantiga de roda tradicional pomerana) pioneiramente na comunidade numa clara demonstração de respeito a cultura local representando o retorno para comunidade numa relação de respeito mútuo que se construiu entre eles.

Passados os mais de 25 anos, e encerrada a vida profissional, Marineuza, que pautou sua trajetória docente no modo Paulo Freire de educar, mantém viva a professora que construiu. Abriu sua *Huus* (casa) e engajou-se em um novo e pioneiro projeto de educação popular.

CHEIROS E SABORES DA WAIAND'S HUUS: memória, cultura, culinária e cuidado com a vida/meio ambiente

O memorial da *Waiand's Huus* tem cheiro da cultura de um povo ligado com a terra, com a natureza, com as flores, com as árvores, com a água, com o jardim. No livro *À sombra desta mangueira*, Freire recorda:

Meu primeiro mundo foi o quintal de casa, com suas mangueiras, cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, jaqueiras e barrigudeiras. Árvores, cores, cheiros, frutas, que, atraindo passarinhos vários, a eles se davam como espaço para seus cantares. (...) Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir de meu quintal, no bairro da Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espriar, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é o inverso. (...) Sou primeiro recifense, pernambucano, nordestino. Depois, brasileiro, latino-americano, gente do mundo (FREIRE, 2005, p. 24-25).

Paulo Freire faz um convite: voltar ao quintal de casa. O caminho da existência passa pelo enraizamento no local. Quanto mais enraizado na sua localidade, mais possibilidades de se globalizar. É a partir do local que se torna universal. Portanto, a construção da casa-memorial pomerana apresenta a necessidade de buscar o cheiro da relação próxima com a natureza. A terra (*Land*) é um elemento fundamental para o povo

pomerano. É isto que Marineuza e sua família desejam num processo de ensino-aprendizagem dizer para as pessoas que visitam a sua *Huus* (casa). A casa tem cômodos. Os cômodos da casa contam as histórias. A sala é um dos maiores cômodos e ela é o espaço de receber as visitas, onde as melhores louças da casa estão expostas no armário com vidro. Há também a máquina de costura, que demarca um dos papéis da mulher. Muitas mulheres quando casavam recebiam da casa dos pais uma vaca e uma máquina de costura como herança. Há também um pequeno escritório, onde estão guardados as fotografias, as certidões de casamento, de batismo, expostas na parede. O quarto do casal tem uma cama e um armário. O armário guarda os segredos dos bordados, um dos trabalhos também das mulheres.

Há também um espaço para guardar as ferramentas de trabalho da roça e marcenaria, materiais utilizados pelos homens. Estes ficam na frente da cozinha. A cozinha também é um dos espaços maiores da casa. Ela guarda os segredos da culinária que é o famoso brote: o pão feito com farinha de milho, inhame. Este pão é feito no forno. Um pouco da descrição da casa-memorial demonstra a necessidade de tornar material a memória. Marineuza nos fala com alegria dos novos móveis antigos que conseguiu comprar para a casa.

A casa-memorial lembra das dificuldades e lutas do povo pomerano. O processo de recuperação da casa dos sogros de Marineuza em um memorial pomerano aponta para a importância da memória pessoal, ligada com a memória coletiva. A casa, enquanto construção material, aponta para a necessidade de ir além da oralidade. A língua pomerana ainda é falada na região, onde a mãe-avó-mulher exerce um papel fundamental na conservação da mesma. É a mulher que mais tempo passa com as crianças.

O próprio nome casa-memorial fala da importância da memória. A casa é uma memória. A memória da família Waiandt, que está ligada com a história da escola, da igreja luterana, da comunidade de Alto Santo Maria. Como afirma Eclea Bosi, em seu livro *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, “(...) esse registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal” (BOSI, 1994, p. 1). Portanto, a memória do indivíduo não depende somente de sua subjetividade, “mas do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54).

Na reconstrução da casa-memória há um elemento fundamental que é a conservação da história deste grupo social, desta comunidade tradicional. No entanto, ela é também um sinal de resistência, contra longos silêncios e esquecimentos. A memória, segundo Michael Pollak, “ao

definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (POLLAK, 1989, p. 3). Ao reconstruir os acontecimentos, também se constrói a identidade pessoal e a do grupo no qual a pessoa se encontra inserida. Para o autor, quando a pessoa recorda, ela elabora uma representação de si mesma e para aquelas pessoas que a rodeiam. Isso requer um sentido de coerência, de unicidade e de continuidade de uma pessoa ou de um grupo social, na reconstrução de si.

Uma casa tem cheiros e sabores que apontam para a cultura do povo, que tem conservado o uso da língua pomerana e com isto rituais de festas e de comidas. Portanto, a *Waiand's Huus* é um espaço de fortalecer a resistência contra uma agricultura baseada em agrotóxicos.

A agricultura baseada na propriedade familiar ainda é o modo como os pomeranos produzem suas vidas. As terras vêm sendo herdadas de uma geração a outra. Muito raramente ocorre de uma família vender sua propriedade agrícola. Contudo, a cada geração a área disponível para o trabalho familiar foi diminuindo. Isso se deu em função dos casais terem um número relativamente grande de filhos. E a propriedade normalmente ser dividida conforme os filhos vão se casando, aplicando-se critérios próprios para a divisão da herança (terra), com a finalidade de subsidiar cada filho, garantindo seu sustento nas terras recém-partilhadas.

O fato é que o tamanho das propriedades agrícolas foi diminuindo e por isso o cultivo foi se dando cada vez mais de forma intensiva, predominando a produção de hortaliças e de café. Para isso muitas famílias recorreram ao uso intensivo de defensivos agrícolas. Uma realidade que vem sendo reavaliada pelos pequenos produtores de Alto Santa Maria, pioneira no município na produção agroecológica.

Nesse sentido a *Waiand's Huus* é precursora. Além da própria produção da pequena propriedade da família Waiandt ser integralmente agroecológica, os alimentos comprados na vizinhança produtora, é exclusivamente orgânica. Essa prática representa valorização da vida em todos os sentidos. O sistema orgânico de produção segue critérios rigorosos de preservação ambiental, cuidadosamente incorporada pela comunidade de Alto Santa Maria. Na direção da agroecologia a *Waiand's Huus* adota uma prática inovadora: cada vez que recebe um grupo de visitantes, um representante do grupo planta uma árvore no entorno da casa, o que contribui para a diminuição de uma preocupação oficialmente existente no Brasil desde 1934, quando o então presidente Getúlio Vargas criou o código florestal, que passou por modificações em 1965 por meio da Lei 4.771, passando a exigir o reflorestamento das áreas devastadas. Não é o caso da propriedade da família Waiandt, no entanto, a prática adotada pela casa, contribui gratuitamente para o reflorestamento na região.

O cuidado com o meio ambiente, portanto, é vivenciado pelos hóspedes e visitantes da *Waiand's Huus*. Além do plantio de árvores, do contato com a mata atlântica e os animais domésticos, são servidos pratos típicos da culinária pomerana, livres de produtos químicos e culturalmente representativos. Pratos que misturam ingredientes tropicais com “o modo de fazer” trazido pelos imigrantes. Um dos mais conhecidos é o pão de milho. Logo quando chegaram ao Brasil, não lhes era possível fazer o pão caseiro como, tradicionalmente o faziam na Pomerânia, pois não conseguiam produzir na região serrana do Espírito Santo, muitos dos ingredientes, como farinha de trigo e centeio, por exemplo. Foi necessário, então reinventar, pelas mãos das mulheres pomeranas, a receita que sustenta o trabalho na roça. De acordo com Schmidt os pomeranos “viram no milho uma alternativa para o preparo de um alimento calórico e nutritivo, capaz de lhes fornecer energia para o trabalho” (2015, p. 78).

Na cultura pomerana o preparo dos alimentos não está dissociada da produção agrícola. No caso do *brote* (pão) era necessário conhecer quais produtos eram possíveis de produzir no acidentado solo da região destinada aos imigrantes pomeranos. Ao descobrirem que muitos dos alimentos que conheciam na antiga Pomerânia teriam de passar por adaptações, o fizeram recriando-se no clima tropical brasileiro. E o que guardam hoje de sua cultura é, na verdade, fruto dessa reinvenção. E assim como os pomeranos se adaptaram à agricultura, a culinária foi se adaptando aos produtos dando origem aos ricos e nutritivos pratos servidos na *Waiandt's Huus*.

A própria casa é resultado do encontro dos conhecimentos de arquitetura trazida pelos imigrantes com os materiais disponíveis na região. Foi construída com a técnica de pau a pique, que consiste em entrelaçar varões de madeiras (no caso dos pomeranos, preferencialmente palmeiras), amarradas entre si por cipós. O resultado era uma grade que seria preenchida com barro, transformando-se em parede. A cobertura, (telhado), as portas e janelas, o chão e o forro eram feitos com madeira. Depois de erguidas e secas, as paredes eram pintadas de branco e as portas e janelas na cor azul. As poucas casas com essas características que restam na região, servem de depósito de instrumentos agrícolas, ao lado de casas mais modernas construídas em material de alvenaria. A *Waiand's Huus*, com todo o seu memorial reconstruído, representa a vida que outrora todas as casas semelhantes irradiaram.

CONTRIBUIÇÕES DA EXPERIÊNCIA DA WAIAND'S HUUS PARA A EDUCAÇÃO POPULAR

A reconstrução da casa, com seus diferentes cômodos, a coleta de artefatos dos colonos e colonas pomeranas, a conservação da língua pomerana, de rituais e da culinária demonstra organização e resistência desta comunidade tradicional. Todo o processo de construção da casa, do memorial, do cuidado com o jardim, com a horta, com os animais domésticos aponta, justamente, para afirmação de um saber e de um fazer popular. Paulo Freire (1998) afirma que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível, e é esse direcionamento que percebo se busca, voltado para uma educação para uma transformação na vida do mundo rural, que olha para o passado, inclui elementos novos do tempo presente, que aponta para um futuro que não deseja perder as suas raízes. Freire reflete:

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito, igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (FREIRE, 1998, p. 85).

A partir da construção do memorial da *Waiand's Huus*, percebe-se a necessidade desta comunidade tradicional da necessidade de conservar a memória e de conhecer o lugar, a história, a forma de viver, de comer, de trabalhar, de se relacionar com a natureza e de fazer festa. Ser sujeito é conhecer a sua história pessoal, que está ligada com a história da sua comunidade é resistir e lutar contra qualquer tipo de dominação.

É importante ter sempre claro que faz parte do poder ideológico dominante a inculcação nos dominados da responsabilidade por sua situação. Daí a culpa que sentem eles, em determinado momento de suas relações com o seu contexto e com suas classes dominantes por se acharem nesta ou naquela situação desvantajosa (FREIRE 1998, p. 92).

Assim, de acordo com Freire, a educação popular consiste em: “desafiar os grupos populares para que percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta. Mais ainda, que sua situação concreta não é destino certo ou vontade de Deus, algo que não pode ser mudado” (FREIRE, 1998, p. 89). A professora Marineuza apresenta-se como guardiã da memória deste povo. Memória

não somente como manutenção, mas como transformação da realidade, e por isto a luta para reflorestar a região, o uso de alimentos agroecológicos, reflexão sobre o uso dos agrotóxicos.

As contribuições para uma educação popular se apresentam, especialmente, na feitura cotidiana da *Huus* (casa) que a partir de uma memória de resistência, procura construir um futuro camponês novamente integrado com a natureza. Como afirma Freire, não se pode de forma alguma, a partir das próprias relações políticas-pedagógicas como os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feita. É a “leitura do mundo” que precede a “leitura da palavra” (FREIRE, 1998, p. 90). É a partir do diálogo que vai se revelando a necessidade da manutenção e da transformação de saberes. O respeito às memórias e às experiências da comunidade tradicional são fundamentais neste processo e se mostram como resistência a uma educação bancária, desligada do contexto e da realidade vivenciada pelas crianças e as famílias pomeranas.

A Escola Fazenda Emilio Schroeder, onde Marineuza iniciou sua vida docente reconhece o potencial (in)formativo da *Waiand's Huus*. Ela mesma se constitui em símbolo de resistência e superação. Adota a pedagogia da Alternância como modelo de ensino enfrentando um sistema público cada vez mais interessado na padronização das escolas e em ranqueá-las por meio de resultados de avaliações externas.

As avaliações externas, como o próprio nome diz, são elaboradas por sujeitos externos à escola, ou seja, não levam em consideração as especificidades locais, regionais, culturais, econômicas e nem sociais dos sujeitos que compõe as instituições escolares. São avaliações padronizadas, baseadas em testes de proficiência, e se constituem em um dos principais instrumentos utilizados pelo governo para a implantação e elaboração de políticas públicas dos sistemas de ensino. Delas depende o repasse de verba para a escola levando os professores a modificarem suas ações e o seu método de trabalho em favor dos interesses das secretarias de educação em detrimento dos interesses das comunidades onde as escolas estão inseridas. No entanto, vale ressaltar que, ao lutar pela permanência da Pedagogia da Alternância, a EEEFM Fazenda Emilio Schroeder declara sua resistência, e tem no trabalho da professora Marineuza um apoio incontestável.

A escola em parceria com a *Waiand's Huus* é exemplo de que é possível mesclar educação popular com educação escolar. Os alunos realizam com êxito as avaliações externas, ocupando uma das dez primeiras posições no doloroso ranking imposto pelos governos. E alcança esse resultado sem se desvincular de suas raízes. É na manutenção das raízes culturais que a *Waiand's Huus* tem seu papel fundamental. A casa se tornou referência em pesquisa sobre cultura, religião, história, saberes e modos de fazer do Povo Tradicional Pomerano. E sempre que solicitada para esse fim,

os alunos são recebidos para efetuarem seus estudos prometendo retornar com suas respectivas famílias. Assim em trabalho cooperativo, a escola e a *Waiand's Huss*, demonstram que é possível a coexistência de propostas de ensino alternativos, sem prejuízo da qualidade de ensino. E como oficialmente tal afirmativa só pode ser comprovada por meio de números a escola fez sua lição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho da professora pomerana não se dissocia da sua vida histórico-cultural-social. Buber (1987, p. 92) destaca a iniciativa pessoal do professor como fundamental para mudar a realidade das escolas nas comunidades. De acordo com o autor, somente os professores que, apesar de todas as dificuldades, enfrentam os problemas e se arriscam em uma iniciativa individual conseguem promover a educação para a comunidade. Foi o que Marineuza fez durante sua vida profissional. E, após a aposentadoria, abriu a própria casa (*Waiand's Huus*) para a escola, de modo que o seu modo de fazer educação parte agora da comunidade, retribuindo o voto de confiança que recebeu ao iniciar sua carreira.

A maneira de preservar as raízes culturais do Povo Tradicional Pomerano, zelando pela preservação da memória material, denota um profundo senso de responsabilidade para com essa cultura e comunidade. A esse cuidado com a memória, soma-se o zelo com a culinária e com o meio ambiente. Uma infinidade de fatores positivos, que ao serem colocados em prática, são verdadeiras aulas de Ciências Humanas e Ciências Naturais. Dessa forma, a professora Marineuza ao abrir sua *Waiand's Huus* demonstra que uma educação alternativa de qualidade é possível em caráter popular, criado a partir da comunidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rita Heloísa de. **O Diretório dos Índios: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII**. Brasília: UnB, 1997.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Imigrantes: estatísticas**. S.d. Disponível em: <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/estatisticas.html> . Acesso em: 21 mar. 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ULRICH, Claudete Beise; KOELER, Edineia; FOERSTE, Erineu. Uma professora pomerana: *Waiand's Huus* e desafios para a educação popular. *Tessituras*, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 142-159, jul./dez. 2017.

----- . Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2003. p. 16–41.

BREMENKAMP, Elizana Schaffel. **Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal Do Espírito Santo, [2014].

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

----- . **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2013

CASTELLUBER, Arildo. **Ensino Primário e matemática dos imigrantes e descendentes germânicos em Santa Leopoldina (1857–1907)**. 2014. 277 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/UFES, [2014].

DETTMANN, Jandira Marquardt. **Práticas e Saberes da Professora Pomerana: um estudo de caso sobre interculturalidade**. 2014. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Do Espírito Santo, UFES, [2014].

FICHTNER, Bernd et al (Org.). **Cultura, dialética e hegemonia; pesquisa em educação**. Vitória: EDUFES, 2013.

FLICK, Uwe. **Qualitative Sozialforschung: Eine Einführung**. Hamburg: Rowohlt, 2011.

FOERSTE, Erineu. Por uma articulação nacional do Povo Tradicional Pomerano no Brasil. In: GARCIA, Elisa Frühauf. O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, v. 12, p. 33–48, 2007.

----- . Cultura e língua pomeranas: diálogos interculturais sobre ensino bilíngue. In: **Seminário Íbero-Americano de Diversidade Linguística**. Foz do Iguaçu: UNILA/IPHAN, 2014.

----- . Pomeranos no Brasil: Bilinguismo e ensino. In: **IX – Brasilianischen Deutschlehrerkongress**. São Leopoldo: UNISINOS/ABRAPA, 2015.

ULRICH, Claudete Beise; KOELER, Edineia; FOERSTE, Erineu. Uma professora pomerana: *Waiand's Huus* e desafios para a educação popular. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 142–159, jul./dez. 2017.

FOERSTE, Erineu et al. **O Povo Pomerano no Brasil**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2016a.

----- . Língua pomerana na atualidade: um diálogo sobre patrimônio cultural do Povo Tradicional Pomerano. In: FOERSTE, Erineu et al. **O Povo Pomerano no Brasil**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2016b. p. 70–85.

----- . Línguas de imigração e interculturalidade: um diálogo com a produção acadêmica da UFES. *In*. PPGEL/UFES. **Anais – IV Congresso Nacional de Estudos Linguísticos**. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Linguística/Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

----- . **Á sombra dessa mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

----- . **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

----- . **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GARCIA, Elisa Frühauf. O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional. **Tempo Revista do Departamento de História da UFF**, v. 12, p. 33–48, 2007.

HARTWIG, Adriana Vieira Guedes. **Professores(as) pomeranos(as)**: um estudo de caso sobre o Programa de Educação Escola Pomerana – PROEPO no município de Santa Maria de Jetibá/ES. Vitória: Universidade Federal Do Espírito Santo, 2011.

JACOB, Jorge Küster. **População pomerana no Estado do Espírito Santo – Brasil**. Vila Pavão: Secretaria Municipal de Cultura, 2012.

KOELER, Edineia. **Uma Professora Pomerana e Sua Comunidade**. 2016. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Do Espírito Santo, [2016].

KÜSTER, Sítia Bausen. **Cultura e língua pomeranas**: um estudo de caso em uma escola do ensino fundamental no município de Santa Maria de Jetibá – Estado do Espírito Santo – Brasil. Vitória: UFES, 2015.

MIAN, Bernadete G. **Educação Escolar de Filhos de Imigrantes Alemães no Espírito Santo**: Um Processo Pouco Explorado. Vitória: UFES, 1993.

ULRICH, Claudete Beise; KOELER, Edineia; FOERSTE, Erineu. Uma professora pomerana: *Waiand's Huus* e desafios para a educação popular. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 142–159, jul./dez. 2017.

MOURA, Margarida Maria. **Os herdeiros da terra**. São Paulo: Hucitec, 1978.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

RAMLOW, Leonardo. **Conflitos no processo de ensino–aprendizagem escolar de crianças de origem pomerana: diagnóstico e perspectiva**. 2004. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Do Espírito Santo, [2004].

REFLORESTAMENTO obrigatório: **Legislação e aplicação**. N.d. Disponível em: <http://www.educacao.cc/ambiental/reflorestamento-obrigatorio-legislacao-e-aplicacao>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SCHMIDT, Adriele. **A Comida na Cultura Pomerana: Simbolismo, Identidade e Sociabilidade**. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal De Viçosa, 2015.

SILLER, Rosali Rauta. **A construção da subjetividade no cotidiano da Educação Infantil**. 1999. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, [1999].

THUM, Carmo. **Educação e memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes**. 2009. 384 f. Tese (Doutorado em História da Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo/RS, [2009].

TRESSMANN, Ismael. **Da Sala de Estar à Sala de Baile. Estudo Etnolinguístico de Comunidades Camponesas Pomeranas do Estado do Espírito Santo**. 2005. 167 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, [2005].

Weber, Gerlinde Merklein. **A escolarização entre descendentes pomeranos em Domingos Martins**. 1998. 315 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Do Espírito Santo, [1998].

ULRICH, Claudete Beise. **Recuperando espaços de emancipação na história de vida de ex–alunas de escola comunitária luterana**. 2006. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST: São Leopoldo, [2006].

ULRICH, Claudete Beise; KOELER, Edineia; FOERSTE, Erineu. Uma professora pomerana: *Waiand's Huus* e desafios para a educação popular. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 142–159, jul./dez. 2017.

AUTORES

Claudete Beise Ulrich

Pós-doutorado em História, Dra. em Teologia, pós-doutoranda em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo. Professora na graduação de Teologia e no mestrado em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória - ES. E-mail: claudete@faculdadeunida.com.br .

Edineia Koeler

¹ Mestra em Educação. Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo. Professora da rede pública municipal e estadual. E-mail: edikoeler@hotmail.com .

Erineu Foerste

¹ Pós-Doutorado pela Universidade de Siegen, Dr. em Educação. Professor Associado da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Membro do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UFES. E-mail: erineufoerste@yahoo.com.br .

Recebido em: 28/03/2018.

Aprovado em: 07/05/2018.

Publicado em: 29/06/2018.